

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Baldus, Herbert. 1945. Curt Nimuendajú. *Boletim Bibliográfico*, ano II, volume VIII, p. 91-99. São Paulo: Biblioteca Pública Municipal.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/baldus_1945_nimuendaju

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para fins de pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente artigo foi digitalizado e acrescentado ao acervo da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em junho de 2008.

1000079

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

PUBLICAÇÃO DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
DEPARTAMENTO DE CULTURA

DIRETOR
FRANCISCO FARI

JULHO — AGOSTO — SETEMBRO
ANO II
VOLUME VIII
S. PAULO
1946

SECRETÁRIO
SÉRGIO MILLIET

S U M Á R I O

COLABORAÇÃO ORIGINAL

- * BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO REDAÇÃO
- * KANT, O NOMINALISMO, MEDIEVAL E A EDUCAÇÃO CIENTÍFICA MODERNA BENNO DANIEL SILBER-SCHMIDT
- * ENSAIO BIBLIOGRÁFICO SOBRE AS BANDEIRAS A. P. CANNABRAVA
- * FREI VICENTE DO SALVADOR RAIMUNDO DE MENEZES
- * CURT NIMUENDAJÚ HERBERT BALDUS
- * EVOLUÇÃO DO CONTO BRASILEIRO EDGARD CAVALHEIRO

AUTORES & LIVROS

- * PSICOLOGIA E CONDIÇÕES DE GUERRA FRANK PHILIPS
- * CONCEPÇÃO E EXPRESSÃO NA CRIANÇA MARCOS PONTUAL
- * DIFERENÇAS FISIOLÓGICAS DE ESTADOS EMOCIONAIS ANNITA DE CASTILHO CABRAL
- * PADRÕES DE COMPORTAMENTO DOS PAIS VIRGINIA LEONE PICUDO
- * O TESTE DE RORSCHACH. I. II. ANTONIO MIGUEL LEAO BRUNO
- * INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA LITERATURA BRASILEIRA MANUEL GERQUEIRA LEITE
- * INÊS DE CASTRO J. PHILIPSON

BIBLIOGRAFIA

REGISTRO BIBLIOGRÁFICO DAS OBRAS ENTRADAS NA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DE SÃO PAULO DE 1 DE JULHO A 30 DE SETEMBRO DE 1945

71001
S. 225

Cont. 2.



BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

OFICINAS:
RUA DA CONSOLAÇÃO, 90
RUA TEIXEIRA MENDES
TELEFONE 3-1051

Gift of Learning Office

CURT NIMUENDAJÚ

HERBERT BALDUS

A 10 de dezembro de 1945 morreu o grande etnólogo. Faleceu na terra dos seus queridos índios, como em 1924, Theodor Koch-Grünberg. No século XX, ninguém contribuiu tanto para o estudo dos aborígenes do Brasil como estes alemães. E ainda que as doenças adquiridas por eles na Amazonia os colocassem em grande perigo de vida, nenhum deles arrefeceu no que considerava o seu dever.

Nos últimos anos, Nimuendajú trabalhou entre os Tukuna do rio Solimões. O telegrama de Manaus diz: "Faleceu na localidade de Santa Rita, entre os índios. Foi sepultado na região que é moradia da tribo a que dedicara grande parte de sua vida. O ilustre sábio faleceu repentinamente, justamente no momento em que lia uma carta em um tapiri que construía entre os indígenas para os seus estudos".

A 17 de fevereiro de 1941, Nimuendajú escrevia-me que o clima na terra dos Tukuna é "medonho". Numa carta datada de Igarapé da Rita, a 9 de agosto de 1942, êle declara, porém: "De saúde vou bem; estou engordando com esta vida de índio. Com os Tukuna vivo como Deus com os anjos, e com a odiosidade de certos civilizados não me incomodo".

Em 1943, Nimuendajú foi convidado pelo Conselho Nacional de Proteção aos Índios para uma expedição a Mato Grosso. Quando êle,

para êsse fim, veio antes ao Rio de Janeiro, sofreu uma desilusão sôbre a qual, em 10 de novembro do mesmo ano, relatou o seguinte: "Fazendo os indispensáveis exames gerais, análises etc. os médicos chegaram à conclusão que o meu estado era tal que eu devia abandonar de uma vez e para sempre a minha vida de sertão e de convivência com os índios. De fato, impuseram-me uma tal dieta que eu jamais poderia cumprir senão malmente nos grandes centros de civilização. A mim semelhante solução causou uma grande tristeza. O sr. bem sabe como eu estava identificado com os índios. Parece-me incrível que eu nunca mais hei de ver os campos dos Canellas banhados em sol nem os igapós sombrios dos Tukuna. Além de que eu pensava ainda de fazer algumas coisas que agora talvez nunca mais serão feitas". A carta termina melancôlicamente: "Eu já estou definitivamente fora do combate. . ."

Mas em maio de 1945, Nimuendajú me surpreendeu com as palavras: "Ao que parece, terei de fazer em breve nova viagem aos Tukuna".

Fêz essa viagem e foi a última da sua carreira.

No tocante à personalidade de Nimuendajú é significativa a maneira dêle responder, em 1939, ao meu pedido de dados autobiográficos e de um retrato. "Quer que lhe mande uma história da minha vida? E' muito simples: nasci em Jena, no ano de 1883, não tive instrução universitária de espécie alguma, vim ao Brasil em 1903, tinha como residência permanente, até 1913, São Paulo, e depois Belém do Pará, e todo o resto foi, até hoje, uma série quase ininterrupta de explorações, das quais enumerei, na lista anexa, aquelas de que me lembro. Fotografia minha não tenho". Segundo a mencionada lista, de 1905 a 1939 não passou um único ano sem ter estado entre índios ou feito escavações arqueológicas.

Os seus primeiros trabalhos, insertos na "Zeitschrift für Ethnologie", de 1914 a 1915, são assinados Curt Nimuendajú Unkel. Em suas publicações posteriores, o apelido alemão é omitido. O nome índio foi dado a Nimuendajú em 1906, pelos Apapokuva-Guaraní, com a complicada cerimônia tradicional. Sob êste nome, hoje de fama internacional, o explorador naturalizou-se brasileiro em 1922.

Como resultado do longo convívio com os mencionados Guaraní, Nimuendajú publicou uma das suas obras mais importantes, que contém, ao lado de copioso material mitológico, numerosos dados lingüísticos, psicológicos e históricos. As suas trinta publicações posteriores consistem, em grande parte, nos vocabulários e nas lendas, que recolheu entre muitas tribus do Brasil setentrional. Os seus estudos sôbre a orga-

nização social dos índios do grupo Gê, aparecidos desde 1937 nos Estados Unidos, inauguravam nova fase no desenvolvimento da Etnologia Brasileira. Os inéditos deixados por êle representam um tesouro inestimável.

Com coleções etnográficas e achados arqueológicos, Nimuendajú enriqueceu os Museus do Brasil, da Alemanha e da Suécia. Também como cartógrafo realizou trabalhos magistrais.

O dominicano Frei Pedro Secondy contou-me que, quando em 1940 desceu o Araguaia numa lancha na qual viajava também Nimuendajú, êste ficou o dia inteiro absorvido com a bussola estudando o rio, de modo a provocar comentários dos outros passageiros que diziam: "Que homem exquisito!" Só depois do escurecer, é que êle consentiu em conversar. E tôda vez que a lancha parava para os passageiros pernovernarem em terra e preparar na praia o acampamento coletivo, Nimuendajú informava-se da hora da partida, afastando-se para dormir sozinho e só reaparecer no dia seguinte pontualmente e com a barba feita. Várias vêzes o bom do padre mencionou êste último pormenor, pois fazer a barba diariamente não é comum em viagens pelos sertões. Mas tal asseio emanava de tôda a personalidade de Nimuendajú, não só dos mapas desenhados por êle, da sua caligrafia e da sua maneira cuidadosa de empacotar os impressos que me enviava, mas também da sua escrupulosidade como cientista e da sua incorruptibilidade como propugnador dos mais altos ideais de justiça e caridade.

Durante tôda a sua vida, êste homem íntegro lutou em defesa dos índios contra os representantes da nossa civilização que a poder das armas mais perfeitas invadem o sertão. Assim, conquistou o amor dos perseguidos, tornando-se um deles, e como êles veio a sofrer o ódio dos colonizadores para os quais "índio não é gente".

Mas não foram só os selvícolas pacíficos, desarmados e humilhados, que Nimuendajú defendeu contra as violências dos vencedores. Arrostando perigos e fadigas, entrou em contacto com uma das tribus mais respeitadas, para acabar de vez com as matanças recíprocas entre os seus valentes guerreiros e os vizinhos brancos. Foi o caso da pacificação dos Parintintin do rio Madeira, por êle empreendida e realizada em 1922, notável façanha de que alguns pormenores merecem ser lembrados.

Estabeleceram-se postos de brindes nos lugares em que havia indícios evidentes de freqüente passagem desta temida tribu tupí. Eram abrigos cobertos de fôlhas de zinco, que defendiam da chuva as missangas, roupas, facões, machados e outros utensílios. Depois de alguns dias, êsses objetos desapareceram, achando-se em lugar deles flechas fincadas

no chão. Os índios tinham aceito os presentes, mas sua resposta significava que não confiavam no doador. Este, por sua vez, repetia sem cessar as ofertas. Os Parintintin acusavam a recepção armando estrepes com pontas de flechas.

Não se contentaram com essa demonstração hostil, passando a atacar os forasteiros. Encontraram porém Nimuendajú prevenido. Construíra, com fôlhas de zinco, um sólido barracão que o abrigava e a seus camaradas. Era uma casa forte, num ponto estratégico, que oferecia larga vista ao redor e facilitava a defesa. Os índios deram gritos de guerra e atiraram flechas. Não houve reação hostil. Então, com nova gritaria, afastaram-se.

Depois de outro ataque semelhante, Nimuendajú os seguiu, procurando atraí-los com palavras da língua-geral amazônica, ditas brandamente, oferecendo-lhes machados e facões que tinha nas mãos levantadas. Não obteve êxito. Os índios sumiram.

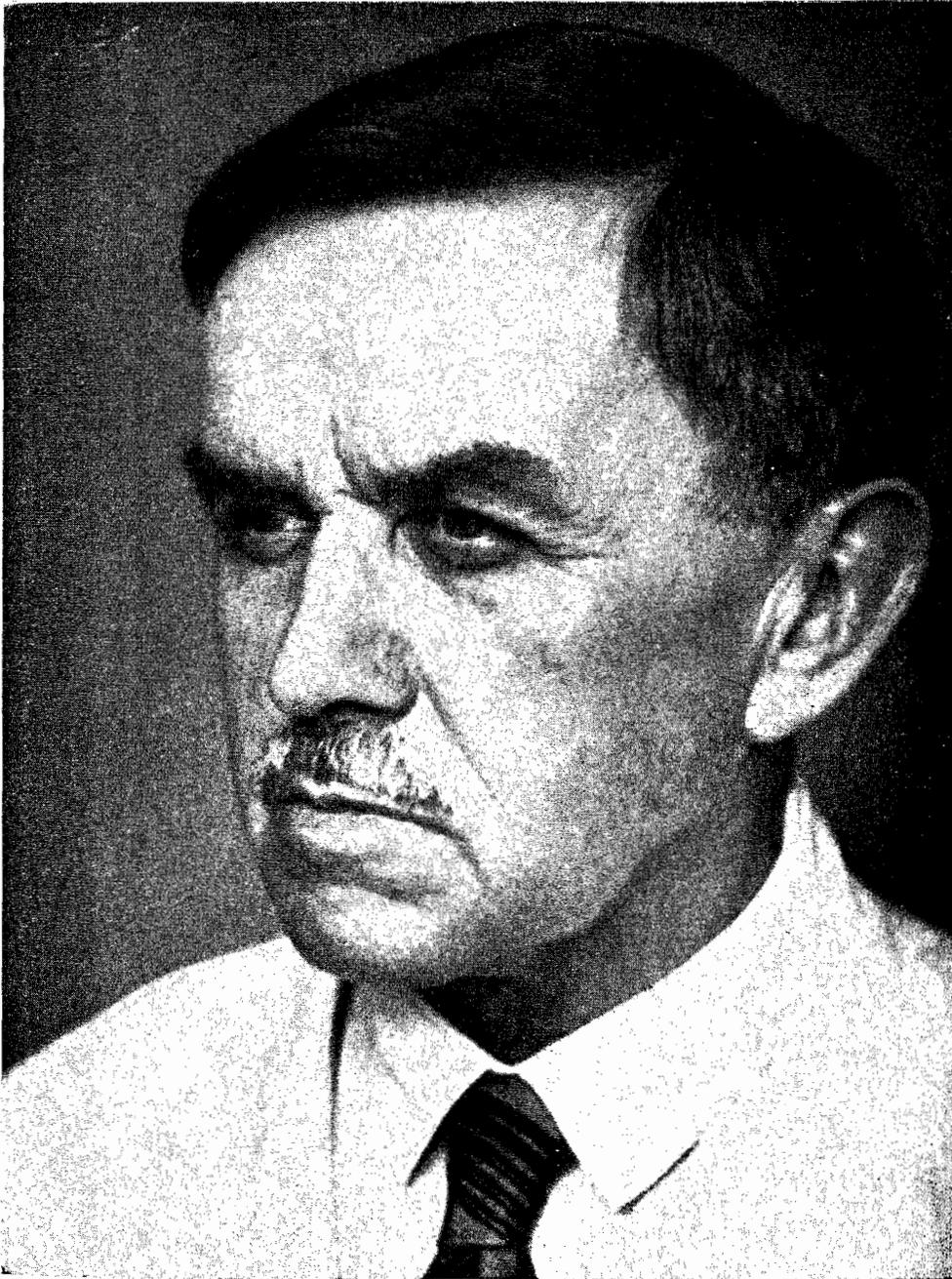
Mais atrevido foi o terceiro ataque. Logo depois de desfechadas as setas contra o barracão, os agressores forçaram a porteira da cerca de arame farpado que circundava a casa. Nimuendajú mandou disparar as armas de fogo para o ar. A maioria dos intrusos saiu correndo. Alguns, porém, recuaram somente até o lado de fora da cerca, aí permanecendo a descoberto. Nimuendajú com palavras amáveis aproximou-se da porteira e, não sendo atendido, colocou uma bacia com diversos presentes e retirou-se.

Os índios apoderaram-se da bacia. Outros Parintintin, que estavam separados de Nimuendajú pelo rio limítrofe do estabelecimento (o rio Maici-mirim), começaram a pedir presentes. O pacificador mandou lançar sobre a água uma bacia cheia de coisas boas. Dois índios tentaram alcançá-la a nado, enquanto um de seus companheiros atirava uma flecha que quase atingiu o seu alvo.

Apesar dêsse comportamento traçoeiro, Nimuendajú ofereceu uma terceira bacia, e o Parintintin mais valoroso atravessou o rio, apanhou o presente e voltou para os seus.

Assim desenvolveu-se, pouco a pouco, a aproximação mútua. Quando Nimuendajú falou em guaraní foi melhor entendido, pois esse idioma se assemelha mais do que a língua-geral ao parintintin.

Um índio, então, mostrou-lhe, com gestos muito expressivos, que estava com a barriga vazia. O branco mandou buscar farinha de mandioca, comeu primeiro um pouco à vista do faminto, convidando-o a servir-se. Dessa feita Nimuendajú conseguiu entregar a dádiva diretamente em mãos, concluindo, assim, o primeiro capítulo da pacificação.



CURT NIMUENDAÍ

1943

Fot. Harold Schultz

Os capítulos seguintes, porém, foram menos satisfatórios. É verdade que não houve mais derramamento de sangue. Mas as relações cada vez mais estreitas com os chamados "civilizados" desorganizaram a cultura da tribo, assim como, pela introdução de doenças e outros fatores destrutivos, acabaram com os seus componentes. Não muitos anos depois, Nimuendajú deplorou o seu próprio ato heróico, compreendendo que os índios mais felizes são os que se conservam independentes pelo valor guerreiro e pela inimizade intransigente contra qualquer usurpador de suas terras. Esta dolorosa compreensão não o impediu, porém, de elaborar projetos para pacificar outras tribus quando o poder da expansão dos brancos parecia irresistível e mortífero. Ainda na sua última carta, que me escreveu no dia 6 de dezembro de 1945, portanto pouco antes de seu falecimento, se refere a um plano de pacificação dos Parakanã, que às vezes surgiam na Estrada de Ferro do Tocantins dirigida pela Fundação Brasil Central. Até a hora final o dominava um sentimento apaixonado em prol dessa espécie de vítimas do nosso chamado "progresso" e contra as barbaridades cometidas em seu nome. Durante a vida inteira, êsse sentimento lhe tinha dado, repetidamente, amarguras, mas também uma profunda felicidade e a força de tornar-se o maior indianista de todos os tempos.

EXPLORAÇÕES DE CURT NIMUENDAJÚ

1905-08:	Oeste de S. Paulo	Guaraní, Kaingang,
1909 :	Oeste de S. Paulo, Sul de Mato-Grosso (Museu Paulista)	Guaraní, Kaingang. Opayé, Otí, Tereno.
1910 :	Oeste de S. Paulo (Serviço de Proteção aos Índios)	Guaraní, Kaingang.
1911 :	Oeste e litoral de S. Paulo (S. P. Í.)	Guaraní, Kaingang,
1912 :	Oeste e litoral de S. Paulo (S. P. Í.)	Guaraní, Kaingang. Kaiguá.
1912 :	Tibagi, Ivaí (S. P. Í.)	Kaingang.
1913 :	Sul de Mato-Grosso (S. P. Í.)	Opayé, Guaraní, Kaiguá.
1914-15:	Gurupí (S. P. Í.)	Tembé, Timbira, Urubú.
1915 :	Parú, Jarí, Maracá	Aparai.
1915-16:	Missão S. Antonio do Prata	Tembé.

- 1916-19: Xingú, Irirí, Curuá Yuruna, Chipaya,
Arara, Kayapó.
- 1920 : Litoral do Pará
- 1921 : Oyapock
- 1921-23: Madeira (S. P. I.) Parintintin, Mura,
Pirahã, Torá, Ma-
tanawí.
- 1922 : Marajó (Göteborgs Museum) Excavações.
- 1923 : Tapajoz, Mariacuã (Göteborgs Mu-
seum) Maué, excavações.
Guayana, Marajó, Caviana (Göte-
borgs Museum) Excavações.
- 1924-25: Tapajoz, Trombetas, Jamundá, Ca-
viana (Götb. Mus.) Excavações.
- 1925 : Oyapock (Götb. Mus.) Palikur, Índios do
Uaçá, excavações.
- 1926 : Afluentes do Amazonas, Madeira,
Autaz (Götb. Mus.) Mura, Mundurukú,
excavações.
Tocantins (Götb. Mus.) Excavações.
- 1927 : Rio Negro, Içana, Uaupés (Götb.
Mus.) Baniwa, Wanana,
Tariana, Tukano,
Makú, etc.
- 1928 : Tapajoz Excavações.
- 1928-29: Maranhão, Goiaz (Mus. Hamburg,
Dresden, Leipzig) Apinayé, Canella,
Krikatí, Krepúmka-
teyé, Pukóbye, Gua-
jajara.
- 1929 : Solimões Tukuna.
- 1930 : Tocantins, Maranhão (Mus. Dresden,
Leipzig) Apinayé, Cherente,
Krahó, Canella.
- 1931 : Tocantins, Maranhão Apinayé, Canella.
- 1932 : Tocantins Apinayé.
Tapajoz, Manaus
- 1933 : Maranhão (Carnegie Inst.) Canella.
- 1934 : Pernambuco (Carnegie Inst.) Fulnió, Chukurú.
- 1935 : Maranhão (Univ. Califórnia) Canella.

1936	:	Maranhão (Univ. Califórnia)	. . .	Gamella, Canella.
1937	:	Tocantins (Univ. Califórnia)	. . .	Apinayé, Cherente.
1938-39:		Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo (Univ. Califórnia)	Patachó, K a m a k ā, Machakarí, Botocudos.
1940	:	Xingú, Araguaia	Górotire, Kayapó do Arraias.
1941-42:		Solimões (Mus. Paraense)	Tukuna.
1945	:	Solimões (Mus. Nacional de Rio de Janeiro)	Tukuna.

Onde não há indicação entre parênteses, viagem e trabalhos foram custeados pelo próprio pesquisador.

PUBLICAÇÕES DE CURT NIMUENDAJÚ UNKEL

1. Die Sagen von der Erschaffung und Vernichtung der Welt als Grundlagen der Religion der Apapociva-Guaraní. — Zeitschrift für Ethnologie. 46. Berlin. 1914, pp. 284-403.
2. Vocabulários da Língua Geral do Brasil nos dialectos dos Manajé do Rio Ararandéua, Tembé do Rio Acará Pequeno, e Turiwára do Rio Acará Grande. — Zeitschrift für Ethnologie. 46. Berlin. 1914. pp. 615-618.
3. Vokabular der Parari-Sprache. — Zeitschrift für Ethnologie. 46. Berlin. 1914. pp. 619-625.
4. Vokabular und Sagen der Crengéz-Indianer. Zeitschrift für Ethnologie. 46. Berlin. 1914. pp. 626-636.
5. Vokabulare der Timbiras von Maranhão und Pará. Zeitschrift für Ethnologie. 47. Berlin. 1915. pp. 302-305.
6. Sagen der Tembé-Indianer. — Zeitschrift für Ethnologie. 47. Berlin. 1915, pp. 281-301.
7. Bruchstücke aus Religion und Überlieferung der Sipáia-Indianer. — Anthropos. XIV-XV, 1919-1920, pp. 1002-1039. XVI-XVII. 1921-1922. pp. 367-406. S. Gabriel-Mödling b./Wien.
8. Zur Sprache der Sipáia-Indianer. — Anthropos. XVIII-XIX. 1923-1924. S. Gabriel-Mödling b./Wien, pp. 836-857.

9. C. N. et E. H. do Valle Bentes: Documents sur quelques langues peu connues de l'Amazone. *Journal de la Société des Américanistes de Paris*, N. S., XV. Paris. 1923, pp. 215-222.
10. Os índios Parintintin do Alto Madeira. — *Journal de la Société des Américanistes de Paris*. N. S. XVI, Paris. 1924, pp. 201-278.
11. As tribus do Alto Madeira. — *Journal de la Société des Américanistes de Paris*. XVII. 1925, pp. 137-172.
12. Die Palikur-Indianer und ihre Nachbarn. — *Göteborgs Kungl. Vetenskaps-och Vitterhets-Samhälles Handlingar*. XXXI. Göteborg. 1926. 144 pp.
13. Streifzug von Rio Jary zum Maracá. — *Petermanns Geographische Mitteilungen*. Gotha. 1927, Heft 11/12, pp. 356-358 und 1 Karte.
14. Wortliste der Sipáia-Sprache. *Anthropos*. XXIV. S. Gabriel-Mödling b./Wien. 1929. pp. 821-850, 863-896.
15. Streifzüge in Amazonien. — *Ethnologischer Anzeiger*. II. Stuttgart 1929, pp. (90)-(97).
16. *Lingua Serénte*. — *Journal de la Société des Américanistes de Paris*. N. S., XXI, Paris. 1929. pp. 127-130.
17. Zur Sprache der Maué-Indianer. — *Journal de la Société des Américanistes de Paris*. N. S. XXI. Paris. 1929, pp. 131-140.
18. Zur Sprache der Kuruáya-Indianer. — *Journal de la Société des Américanistes de Paris*. N. S. XXII. Paris. 1930, pp. 317-345.
19. Besuch bei den Tukuna-Indianern. — *Ethnologischer Anzeiger*. II, Heft 4, Stuttgart. 1930, pp. (188)-(194).
20. Wortlisten aus Amazonien. — *Journal de la Société des Américanistes de Paris*. N. S. XXIV. Paris. 1932, pp. 93-119.
21. A propos des Indiens Kukura du Rio Verde (Erésil). — *Journal de la Société des Américanistes de Paris*. N. S. XXIV. Paris. 1932, pp. 187-189.
22. Idiomas Indígenas del Brazil. — *Revista del Instituto de Etnología II*. Tucumán. 1932, pp. 543-618.
23. C. N. and Robert H. Lowie: The Dual Organization of the Ramkókamekra (Canella) of Northern Brasil. — *American Anthropologist*. Vol. 39. 1937, pp. 565-582.
24. The Gamella Indians. — *Primitive Man*. X. 1937. 14 pp.
25. Die Verwandtschaft des Mundurukuischen mit dem Tupiischen. — *Santo Antonio. Provinzzeitung der Franziskaner in Nordbrasilien*. 15. Jahrgang. N. 2. Bahia. 1937, pp. 76-80.

26. The Social Structure of the Ramkókamekra (Canella). — *American Anthropologist*. Vol. 40. 1938, pp. 51-74.
27. C. N. and Robert H. Lowie: The Associations of the Serénte. — *American Anthropologist*. Vol. 41. 1939, pp. 408-415.
28. The Apinayé (Translated by Robert H. Lowie). — The Catholic University of America. Anthropological Séries No. 8. Washington, 1939. VI e 189 pp.
29. The Serénte. (Transl. by Robert H. Lowie). — Publications of the Frederick Webb Hodge Anniversary Publication Fund IV, Southwest Museum, Los Angeles. 1942. IX e 106 pp.
30. Serente Tales. (Transl. by Robert H. Lowie). — *Journal of American Folklore*, Vol. 57, No. 225, Menasha, Wis., 1944, pp. 181-187.
31. Brinquedos dos nossos Índios. Os ladrões de jurumum. — *Revista do Museu Nacional*, Ano I, N.3, Rio de Janeiro 1945, pp. 10-11.